

Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação  
Curso: Cultura, Comunicação e Relações Étnico-Raciais

**Bloco Afro É di Santo:  
identificação e pertencimento étnico-racial**

Wallace de Jesus

São Paulo

2024

Universidade de São Paulo  
Escola de Comunicações e Artes  
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação  
Curso: Cultura, Comunicação e Relações Étnico-Raciais

**Bloco Afro É di Santo:  
identificação e pertencimento étnico-racial**

Wallace de Jesus

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do título de Especialista em  
Cultura, educação e relações  
étnico-raciais

**Prof. Dra. Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso**

São Paulo

2024

## **Agradecimentos**

Um passo para frente e você nunca mais estará no mesmo lugar. Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que tornaram este trabalho possível. Em primeiro lugar, agradeço à minha mãe, Rosângela, por todo o amor, apoio incondicional e pela inspiração diária. Tudo que eu fizer nesta vida, seu nome sempre estará em primeiro lugar!

Sou profundamente grato pela acolhida, o carinho e o respeito de todos os integrantes do Bloco Afro É di Santo. O Bloco Afro É di Santo está na minha memória nos dias mais felizes do carnaval.

A Carolina, minha companheira, agradeço pelo amor, encontro, afeto, minha fonte de ânimo e pela paciência e compreensão durante os momentos de dedicação a este trabalho. Encontrar você foi algo precioso na minha vida!

Agradeço também ao meu núcleo familiar por todo o suporte emocional e incentivo ao longo deste caminho. Minhas irmãs Andreza e Vitória e os irmãos Luan e Lucas. Amo vocês!

Às minhas amigas e amigos, obrigado por alegrarem meus dias e por serem um constante suporte emocional. Suas palavras de encorajamento e ombros para chorar foram fundamentais. Obrigado por não me deixar desistir!

Aos colegas e professores do CELACC (Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação) da USP, agradeço pela troca de conhecimentos, debates enriquecedores e pela amizade que se desenvolveu ao longo destes quase 2 anos de especialização. Vocês contribuíram imensamente para minha formação.

Por último, mas não menos importante, agradeço imensamente aos meus orientadores, doutor Emerson Nascimento e doutora Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso. As orientações, paciência, estímulos e ensinamentos foram essenciais para a realização deste trabalho. Agradeço por acreditarem no meu potencial e por guiarem meus passos ao longo deste percurso acadêmico.

Como um livro de poesia, tambor é a árvore que na mão frutifica, que na raiz da alma gira e no chão da pele anda e floresce. Reinado que prevalece na palma e na sola. Tambor domina os princípios das rasteiras e o balanço do mar. Tabuleiro de malungos. Pilar e horizonte. Festa e ciência. Incendeia e acaricia. É paliçada e harmonia. **Alla da Rosa**

**Resumo:**

Este artigo analisa o Bloco Afro É di Santo como um espaço de resistência e afirmação cultural afro, focando na sua influência na formação de identidades e no pertencimento racial. O estudo sugere que organizações culturais que celebram a cultura afro-brasileira desempenham um papel crucial na valorização das narrativas afro-brasileiras e na promoção da inclusão étnico-racial.

**Palavras-chave:** Bloco Afro É di Santo, Identidade, Pertencimento, Cultura Afro-Brasileira.

**Abstract:**

This article analyzes the Bloco Afro É di Santo as a space of resistance and cultural affirmation for Afro-descendants, focusing on its influence on the formation of identities and racial belonging. The study suggests that cultural organizations celebrating Afro-Brazilian culture play a crucial role in valuing Afro-Brazilian narratives and promoting ethno-racial inclusion

**Key-words:** Bloco Afro É di Santo, Identity, Belonging, Afro-Brazilian Culture.

**Resumen**

Este artículo analiza el Bloco Afro É di Santo como un espacio de resistencia y afirmación cultural afro, centrándose en su influencia en la formación de identidades y en el sentido de pertenencia racial. El estudio sugiere que las organizaciones culturales que celebran la cultura afrobrasileña desempeñan un papel crucial en la valorización de las narrativas afrobrasileñas y en la promoción de la inclusión étnico-racial

**Palabras claves:** Bloco Afro É di Santo, Identidad, Pertenencia, Cultura Afrobrasileña.

## **Sumário**

1. Introdução:	7
2. Cultura afro brasileira	8
3. Identidade	10
4. Pertencimento racial	12
5. Território.	14
6. Os afoxés e blocos afros brasileiros	18
6.1 Bloco Afro É di Santo	20
7. Procedimentos Metodológicos	22
7.1 Pesquisa quantitativa	24
7.2 Análise dos dados	27
7.3 Análise dos resultados	33
8. Considerações Finais	37
<b>Bibliografía</b>	<b>38</b>

## 1. Introdução:

Os caminhos desta pesquisa buscam na Escola de Estudos Culturais uma bússola para a compreensão do tema de pertencimento e identidade racial afirmativa. Uma das principais características dos Estudos Culturais é sua natureza interdisciplinar, combinando ideias e métodos de disciplinas como sociologia, antropologia, teoria crítica, estudos de mídia, literatura, história, entre outros. As conexões entre cultura, discurso e produção subjetiva são cruciais nos Estudos Culturais. Aqui, a cultura é vista como uma prática de significação, e o mundo social é entendido como sendo construído através do discurso.

Assim, esse artigo analisa os processos de produção cultural, levando em consideração a participação atual e histórica de grupos que, socialmente marginalizados, não eram reconhecidos por suas contribuições à cultura moderna.

O trabalho apresenta noções de identidades defendidas pelo sociólogo, crítico, editor e professor jamaicano, Stuart Hall. Ele notabilizou-se por deixar um impacto duradouro no mundo intelectual, contribuindo para a fundação do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos na Universidade de Birmingham, Inglaterra, a partir de onde estimulou a mudança da concepção conceitual de cultura, que era influenciada pela teoria marxista.

Hall propôs novos argumentos e interpretações que iam além das análises econômicas e sociais, concentrando-se nos fenômenos culturais como uma lente fundamental para entender a nova ordem mundial. A identidade dos indivíduos ganham protagonismo em meio o processo de análise social. Hall (2012) argumenta que as identidades muitas vezes trazem à tona conexões com um passado histórico. E este passado histórico pode ser um mapa orientador para sujeitos negros na elaboração da compreensão dos processos de pertencimento racial.

Essa pesquisa traz as concepções de pertencimento apresentadas por bell hooks<sup>1</sup> (2021), quando a autora discorre sobre a cultura do lugar como uma maneira de existir no mundo. A professora, ensaísta e escritora, bell hooks nasceu em 1952, nos Estados Unidos, e faleceu em 2021. Com uma bibliografia composta por mais

---

<sup>1</sup> bell hooks é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins, nome em homenagem a sua avô e que a autora escolheu grafar com caixa baixa. Para saber mais ler o ensaio *À Gloria, seja ela quem for: sobre usar um pseudônimo: HOOKS, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

de 30 livros, bell hooks é uma pensadora essencial para aprofundarmos a compreensão das intersecções entre raça, classe e gênero, e como essas dinâmicas se manifestam em práticas culturais, acadêmicas, subjetivas e cotidianas.

E, finalmente, para uma compreensão sobre a cultura afro-brasileira, apresentamos a produção de Leda Maria Martins, professora, poeta, ensaísta, dramaturga e rainha de Nossa Senhora das Mercês da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário no Jatobá. Leda Maria Martins, nasceu em 25 de Junho de 1955 e segue sendo uma importante representante e disseminadora da cultura afro-brasileira. Ela defende a encruzilhada com um operador epistêmico, que desempenha um papel crucial na compreensão da cultura brasileira, fundamentada por cruzamentos. Sendo, este ponto de convergência, um possibilitador de mediações de conhecimentos e trânsitos culturais.

Nesse contexto, buscamos responder às seguintes questões:

- A participação no Bloco Afro É di Santo pode ser vista como uma expressão tangível dessas teorias?
- Ao envolver-se com o bloco, os participantes estão imersos em uma experiência que valoriza e celebra a herança da cultura afro-brasileira?
- Essa participação pode fortalecer a percepção individual da identidade étnico-racial destes sujeitos? Participar do Bloco Afro É di Santo contribui para um senso de pertencimento racial?
- O Bloco Afro É di Santo pode formar uma comunidade onde os sujeitos se sentem conectados e reconhecidos em sua negritude?

## **2. Cultura afro brasileira**

Durante os séculos XVI a XIX, uma quantidade significativa de pessoas negras africanas foram retiradas à força de seus lares em nome das chamadas “missões civilizadoras” europeias. Elas foram submetidas a uma travessia forçada pelo Oceano Atlântico para se tornarem mão de obra escravizada na construção de diversas nações, incluindo o Brasil. Ao chegarem vivas aqui, foram tratadas como mercadorias e vendidas para servir aos seus senhores em trabalhos árduos e degradantes. Esse aspecto fundamental da história brasileira é chamado de colonialismo português.

Este trânsito transatlântico forçado e violento, pode ser chamado de diáspora de África. A escravidão gerou intensos encontros e interações entre indivíduos de diversas nações africanas, resultando em um rico intercâmbio cultural que abrange desde formas de assimilação até estratégias de resistência diante da opressão dos senhores.

A diáspora proporciona um prisma alternativo para ver a experiência afro-brasileira como parte da história global dos povos afrodescendentes tanto como um caso distinto que pode ser comparado a outros, como através das múltiplas interações e elos de comunicação entre negros brasileiros e negros de outros países. Nessa diáspora, os negros interagem de inúmeras maneiras, permanentemente redefinindo identidades e ideologias, com isso enxergando suas próprias experiências de novas maneiras. O consenso sobre identidade(s) afro-brasileira(s) contemporânea(s) - em todas as suas interações - foi produzido, em parte, pela experiência da diáspora, como acontece com outras comunidades diaspóricas africanas ao continuar negociando suas identidades em um mundo onde as relações materiais de raça permanecem trazendo implicações sociais, políticas e econômicas. (BUTLER; DOMINGUES, 2020, p.19)

De acordo com MARTINS (2021), a diáspora africana estabelece um diálogo que inevitavelmente influenciou o Brasil ao longo de três séculos de escravidão. O tecido cultural brasileiro funda-se por processos de cruzamentos transnacionais, multiétnicos e multi linguísticos . As contribuições do negro escravizado na sociedade brasileira, transpassam todos os cruzamentos culturais do Brasil. Para a autora, seja na culinária, na dança, na religião, na música, ou na língua, a cultura de afro-brasileira está corporificada no cotidiano brasileiro:

Nos conhecimentos culturais incorporados, saberes de várias ordens se manifestam, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros; quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e invisíveis ações do cotidiano. Em tudo que fazemos, expressamos o que somos, o que nos pulsiona, o que nos forma, o que nos torna agregados a um grupo, conjunto, comunidade, cultura e sociedade. Nossos mínimos gestos e olhares, as eleições de nossos paladar e olfato, nossa auscultação e resposta aos sons, nossa vibração corporal, nossos torneios de linguagem, nossos silêncios e arrepios, nossos modos e meios de experimentar e interrogar o cosmos, nossa sensibilidade; enfim, em tudo que somos, e nos modos como somos, respondemos a cosmopercepções que nos constituem. Respondemos também a concepções de tempos de temporalidades, tanto em nossos rituais do cotidiano quanto nas produções culturais que as manifestam (MARTINS, 2021, p. 21- 22)

No contexto do Bloco Afro É di Santo, isso significa que cada aspecto do bloco, desde as oficinas, as reuniões, os afros cortejos, que são os desfiles do carnaval do Bloco, carrega e expressa os saberes e a identidade afro-brasileira. As

práticas culturais do Bloco Afro É di Santo – suas danças, músicas, vestimentas e rituais – não apenas são desdobramentos da cultura afro, mas também são manifestações vivas dos conhecimentos incorporados que moldam a experiência e a visão de mundo dos seus membros. Assim, o bloco atua como um espaço onde esses saberes são preservados, transmitidos e renovados, reafirmando a importância da identidade afro-brasileira e promovendo uma conexão com as raízes afro-diaspóricas.

### 3. Identidade

Stuart Hall (2015) aborda o conceito de identidade não como algo essencialista, mas sim como algo estratégico e posicional. Segundo ele, as identidades estão em constante fluxo e transformação, sendo moldadas pela diferença.

Segundo o autor, o próprio processo de identificação, pelo qual nos definimos em termos de nossas identidades culturais, tornou-se mais transitório, variável e problemático. A ideia de uma identidade unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidade possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas - ao menos temporariamente. (HALL, 2015, p.13)

Diante desta perspectiva de transitoriedade, indivíduos são impelidos a comunidades, territórios e causas aderentes ao contexto em que estão inseridos, adaptando-se e redefinindo-se constantemente conforme as interações sociais e as mudanças no ambiente. Em uma sociedade onde a herança de um passado negro é sistematicamente ocultada e invisibilizada, é essencial romper com as identidades miscigenadas que foram utilizadas para mascarar o racismo no Brasil

as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. Assim a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2015, p. 9).

Diante disso, buscamos compreender dois aspectos fundamentais discutidos por Hall (2015). Primeiro, as mudanças históricas nos conceitos de identidade e sujeito. Em seguida, como essas alterações se relacionam com as identidades culturais?

No contexto do Bloco Afro É di Santo, essas abordagens podem ser aplicáveis para compreender a evolução da identidade e do sujeito dentro do grupo e sua relação com suas identidades culturais. As mudanças históricas nos conceitos de identidade e sujeito podem nos ajudar a entender o desenvolvimento deste Bloco ao longo do tempo, sobretudo, diante das conquistas do movimento social negro, como a promulgação da Lei nº 10.639/2002 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - (LDB) da educação, ao incluir a obrigatoriedade do ensino da cultura africana e afro-brasileira.

Em segundo plano, essas transformações se entrelaçam com as identidades culturais e podemos entender que o bloco se insere neste contexto histórico de mudança de paradigmas referente a cultura afro-brasileira. Isso implica explorar como as narrativas de identidade e pertencimento racial são articuladas dentro do Bloco Afro É di Santo e como isso se manifesta por meio de sua música, dança, vestimentas e outras práticas culturais.

Esses modos de representações culturais se disseminam e influenciam cada indivíduo de forma única, ainda que temporária. A concepção de cultura como um conjunto de significados compartilhados é central no pensamento de Hall (2015).

Segundo o autor, as identidades passam pelo processo de desarticulação com as identidades do passado e abre a possibilidades de novas articulações, criando novas identidades.

Nenhuma identidade singular - por exemplo, de classe social - podia alinhar todas as diferentes identidades com uma "identidade mestra" única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas (HALL, 2015, p. 20 - 21).

No contexto de um bloco afro, a busca por uma identidade negra autorreferenciada ocorre através das maneiras como as coisas são feitas, ditas, pensadas e sentidas e representadas. A autodenominação de bloco afro demonstra que os sujeitos estão buscando uma forma de expressão que vá além das categorias tradicionais e das identidades fixas. Eles estão se apropriando de uma identidade que é dinâmica, que se constrói através da cultura, da música, da dança, do território e de outras formas de expressão artística e social.

#### **4. Pertencimento racial**

A pensadora estadunidense bell hooks invoca um chamado de cura aos sujeitos negros através de uma reconexão com seus antepassados. “A cura era, para mim, lembrar quem eu sou, reunir os pedaços da minha história e reconectá-los HOOKS (2023, p.42) ”.

Nessa perspectiva, recuperar experiências, memórias, saberes, lutas e legados dos antepassados tornam-se elementos-chave para a restauração da identidade individual e coletiva, sobretudo para negras em diáspora. Mapear os passos daqueles que vieram antes é um exercício de possibilidades e autoconhecimento, em contraposição à tentativa de buscar um ideal branco, uma regra básica imposta ao negro que nega sua própria história (SOUZA, 2021).

Segundo hooks (2022), fazer parte de uma comunidade implica encontrar um lugar onde as oportunidades se manifestam. Mesmo em áreas negligenciadas pelas autoridades públicas, como ruas, becos e vielas, onde a opressão parece predominar, é nesses espaços que podemos descobrir formas de resistência.

[...] Pessoas de todas as cores sentem falta de uma sensação de “pertencimento”, tanto a um lugar quanto a uma comunidade. Assim, muitas desejam pertencer a uma comunidade e é nesse anseio que encontramos o lugar da possibilidade, o lugar onde podemos começar, enquanto nação, a imaginar mais uma vez a construção de uma comunidade amorosa. (HOOKS, 2022, p.137).

Nessas localidades marginalizadas, a autora afirma que, as interações entre os membros da comunidade se tornam essenciais, servindo como laços invisíveis que conectam indivíduos em busca de um sentido de pertencimento e identidade

compartilhada. Essas conexões, encontram um terreno fértil para explorar as possibilidades e desafios da vida em comunidade.

A constituição de um bloco afro em uma área periférica da cidade de São Paulo pode ser compreendida como esse anseio de ressignificar essas noções de pertencimento territorial e em segundo momento reforçar o pertencimento racial dos integrantes. Sob essa ótica, o bloco afro não apenas simboliza uma expressão cultural e artística, mas também serve como um centro de convergência e fortalecimento da identidade e pertencimento negro em uma localidade frequentemente marcada por adversidades socioeconômicas.

Segundo Hooks (2021), estabelecer uma cultura duradoura de pertencimento implica em criar espaços de afeto ao qual sempre se deseja retornar. As escolhas desses espaços estabelecem uma noção de comunidade que se empenha em preservar suas histórias. A atuação do Bloco Afro É di Santo representa uma insubordinação e descentralização do acesso à cultura. Uma vez que estes sujeitos negros não aceitam permanecer no nível de marginalização social sustentada pela ideologia branca que os apresentam e os ideologiza como inferiores, (MOURA, 2021).

A pertença ao Bloco Afro É di Santo é atravessada por uma experiência transatlântica, como destacado por Butler (2020), que argumenta que grande parte da experiência da diáspora de África não está documentada, mas sim expressa através das artes criativas, da cultura material e das tradições orais. Esse processo de construção criativa está intrinsecamente enraizado na forma como o Bloco Afro É di Santo opera e se manifesta. A co-fundadora do Bloco Afro É di Santo, Andréia Tenório traduz para prática o pensamento de Butler:

O surgimento dos nossos temas surge a partir dos nossos ensaios. A gente começa as nossas rodas, os nossos ensaios e aí a gente vai sentindo a necessidade. O assunto passa a surgir e ele vai se tornando um tema. As nossas temáticas são sempre em torno dos tambores. O tambor é o pilar, o centro do nosso encontro. A partir dele, a gente consegue envolver tema, pesquisa, o nosso tema gerador. (BRASIL DE FATO, 2020, entrevista digital)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Bloco afro É Di Santo diverte e traz mensagem a foliões em desfile de carnaval nas ruas de São Paulo. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/13/bloco-afro-e-di-santo-diverte-e-traz-mensagem-a-folhoes-e-m-desfile-de-carnaval-nas-ruas-de-sao-paulo>. Acesso em 10 de março de 2024.

Outra contribuição importante para se compreender os processos de pertencimento está na fala do pensador “contra colonial”, Antônio Bispo (2023), ele destaca a relevância das noções de pertencimento com o território. Quando falamos de uma relação de pertencimento a partir de Bispo, estamos nos referindo a vínculos subjetivos com o ambiente, onde cada elemento natural é valorizado e respeitado como parte essencial da identidade e da história da comunidade. Essa conexão vai desde o cuidado com as plantas e os animais até a preservação dos recursos naturais e das tradições culturais transmitidas ao longo das gerações.

no quilombo, somos compartilhantes, desde que tenhamos nascido aqui ou que tenhamos uma relação de pertencimento. E quando digo da relação de pertencimento com o quilombo, falo de uma relação com o ambiente como um todo, com os animais e as plantas (BISPO, 2023, p. 39)

Ser parte do Bloco Afro É di Santo vai além de simplesmente participar ocasionalmente das atividades do grupo, pois requer um compromisso ativo de engajamento nos ensaios, reuniões, afro cortejos e oficinas. É uma dedicação constante de aprimoramento do instrumento tocado e das coreografias e dos compromissos religiosos do Bloco.

Esse modo de fazer do Bloco Afro É di Santo, reflete as noções de pertencimento de bell hooks, que enfatiza a importância de uma conexão com a comunidade e da contribuição ativa de seus membros para o desenvolvimento coletivo.

## **5. Território.**

O Bloco Afro É di Santo está situado no distrito do Jardim São Luís, localizado na zona sul da cidade de São Paulo. Os ensaios ocorrem na Casa de Cultura M'boi Mirim, situada na Avenida Inácio Dias da Silva, sem número, no bairro do Piraporinha. Esta região é reconhecida como uma área periférica da cidade de São Paulo.

A formação da periferia urbana, em São Paulo, é fruto de um esforço conjunto ao longo do tempo - sobretudo, a partir da segunda metade do século XX - que separa as políticas públicas de gestão territorial, numa dualidade centro versus

periferia, desenvolvida à margem dos processos oficiais de planejamento urbano, que são regulados pelo Estado.

Ao observarmos a relação entre o centro e a periferia, podemos entender a cidade como mais do que apenas um lugar controlado por um centro econômico e político. Muitas vezes, as políticas públicas destinadas às áreas periféricas são apenas soluções temporárias e regulatórias (TANAKA, 2006) .

As regiões periféricas da cidade de São Paulo, carentes de serviços públicos (saneamento, moradia, educação, lazer, saúde e segurança) enfrentam os desafios de um crescimento desordenado e com a criminalização de seus territórios pelas mídias hegemônicas. Para D'Andrea (2013), a mídia passou a adotar a palavra "periferia", associando-a a áreas geográficas marcadas pela violência e pela pobreza. Esses lugares eram retratados (e ainda são) não apenas como espaços territoriais distantes do centro, mas, sobretudo, como concentrações de uma classe social perigosa, rotulada como potenciais criminosos da cidade de São Paulo.

O Mapa de Desigualdade de 2023 da Cidade São Paulo, é elaborado pela Rede Nossa São Paulo. A Rede Nossa São Paulo é uma organização da sociedade civil que tem por missão mobilizar diversos segmentos da sociedade para, em parceria com instituições públicas e privadas, construir e se comprometer com uma agenda e um conjunto de metas, articular e promover ações, visando a uma cidade de São Paulo justa, democrática e sustentável.

Lançado anualmente desde 2012, O Mapa de Desigualdade traz dados sobre os 96 distritos da cidade de São Paulo, com a avaliação do desempenho geral dos 96 distritos, para tanto, o método utilizado leva em consideração a classificação ou ranqueamento do distrito em cada um dos indicadores: moradia, população, saúde, direitos humanos, cultura, segurança pública, mobilidade, infraestrutura digital, trabalho e renda.

Atribuiu-se uma pontuação para cada indicador, baseada na posição relativa do distrito. Os dados são gerados e fornecidos pela Prefeitura Municipal de São Paulo ou por pesquisas específicas, sob responsabilidade de seus realizadores. Estes indicadores por meio de um formato de ranqueamento, conseguem estabelecer análises comparativas dos distritos nos indicadores mencionados.

A seguir trazemos o quadro geral do distrito do Jardim São Luís

Tabela 1: quadro geral do distrito do Jardim São Luís

Tema	Indicador	Valor	Posição	Comparação com a média municipal
CULTURA	Equipamentos públicos de cultura	0,34	41	↓
CULTURA	Espaços culturais independentes	0,34	48	↓
CULTURA	Centros culturais, casas e espaços de cultura	0,07	17	→
CULTURA	Cinemas	0	12	→
DIREITOS HUMANOS	Violência racial	0,3	3	↑
DIREITOS HUMANOS	Violência contra a população LGBTQIAP+	4,37	13	↑
DIREITOS HUMANOS	Violência contra a mulher (todas)	185,72	17	↑
EDUCAÇÃO	Matrículas no ensino básico em escolas públicas	87,04	29	↑
EDUCAÇÃO	Ideb (Escolas públicas - anos iniciais)	5,62	33	→
EDUCAÇÃO	Ideb (Escolas públicas - anos finais)	5,1	10	→
EDUCAÇÃO	Abandono escolar no ensino fundamental da rede municipal	1,25	54	→
EDUCAÇÃO	Distorção idade-série no ensino fundamental da rede municipal	7,03	55	→
EDUCAÇÃO	Adequação da formação docente	7,34	58	↓

Fonte: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>

Tabela 1: quadro geral do distrito do Jardim São Luís

HABITAÇÃO	Favelas	20,27	79	↓
HABITAÇÃO	Famílias em atendimento habitacional provisório por situação de risco e emergência	68,82	26	↓
INFRAESTRUTURA DIGITAL	Acesso internet móvel (por área/km <sup>2</sup> )	2,65	75	↓
INFRAESTRUTURA DIGITAL	Acesso internet móvel (População distrito)	2,32	78	↓
MEIO AMBIENTE	Cobertura vegetal (%)	24,1	40	↓
MEIO AMBIENTE	Pontos de Entrega Voluntária (PEV)	0,64	26	→
MEIO AMBIENTE	Emissão de poluentes atmosféricos por área (kg/km <sup>2</sup> /dia)	0,27	40	→
MEIO AMBIENTE	Número de áreas contaminadas	1,18	9	→
MOBILIDADE	Acesso a infraestrutura cicloviária	24,31	69	↓
MOBILIDADE	Velocidade média ônibus (km/h)	18,3	60	↓
MOBILIDADE	Acesso a transporte de massa	16	58	↓
MOBILIDADE	Mortes no trânsito	5,1	27	↑
MOBILIDADE	Tempo médio de deslocamento por transporte público	47	23	↓
POPULAÇÃO	População total	297794	4	↑
POPULAÇÃO	População em situação de rua	118	52	↓
POPULAÇÃO	População feminina	51,83	65	→
POPULAÇÃO	População preta e parda	51,3	11	↑
POPULAÇÃO	População jovem	42,88	22	↑
POPULAÇÃO	População Infantil	9,94	23	↑

Fonte: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>

Tabela 1: quadro geral do distrito do Jardim São Luís

SAÚDE	Idade média ao morrer	67	16	↓
SAÚDE	Mortalidade materna	0	1	↑
SAÚDE	Mortalidade por Covid-19	3,42	24	↑
SAÚDE	Tempo médio para consultas na atenção básica	8	7	↑
SAÚDE	Gravidez na adolescência	8,69	67	↓
SAÚDE	Mortalidade infantil	10,26	53	↓
SEGURANÇA PÚBLICA	Agressões por intervenção policial	0,06	2	→
SEGURANÇA PÚBLICA	Feminicídio	0,22	6	→
SEGURANÇA PÚBLICA	Mortes por intervenção policial	1,24	36	↑
SEGURANÇA PÚBLICA	Deslocamentos médio para denúncias de violência contra mulher	7	41	↓
SEGURANÇA PÚBLICA	Homicídios	11,2	55	↓
SEGURANÇA PÚBLICA	Homicídios de jovens	16	35	↓
TRABALHO E RENDA	Remuneração média mensal do emprego formal	3957,34	31	↑
TRABALHO E RENDA	Oferta de emprego formal	1,67	67	↓
TRABALHO E RENDA	Desigualdade salarial (emprego formal)	0,84	65	→

Fonte: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>

Analisemos alguns pontos que evidenciam o distrito do Jardim São Luís como uma área carente de políticas públicas eficazes, destacando pontos importantes do seu ranqueamento:

- 4.º maior distrito em termos de população, com 297.794 habitantes;
- 11º lugar em população negra e parda;;
- 3.º distrito com mais casos de violência racial, ocupando o segundo lugar em agressões por intervenção policial e o trigésimo sexto lugar em mortes por intervenção policial;
- 35º lugar em homicídios de jovens;
- 41.º lugar em equipamentos públicos de cultura;
- 1.º lugar em mortalidade materna, com expectativa de vida de até 67 anos;
- 78.º em acesso à internet móvel;
- 67.º lugar em oferta de emprego formal.

A combinação desses indicadores posiciona o distrito do Jardim São Luís em 68º lugar entre os 96 bairros analisados.

É fundamental destacar que o distrito do Jardim São Luís faz fronteira com outros dois distritos: Jardim Ângela e Capão Redondo, e a maioria dos percussionistas, trabalhadores e frequentadores dos ensaios do Bloco Afro É di Santo reside nessas áreas.

Preparamos um breve quadro para ilustrar a semelhança na realidade desses três distritos vizinhos.

Tabela 2: quadro comparativo entre os distritos do Capão Redondo e Jardim Ângela

<b>Mapa de Desigualdade 2023</b>	<b>Jardim Ângela</b>	<b>Capão Redondo</b>
População	02° - 345.530	03° - 300.857
População preta e parda	01° - 60,1%	08° - 53,9%
Violência racial	06°	19°
Equipamentos públicos de cultura	35°	33°
Acesso internet móvel	88°	79°
Agressões por intervenção policial	05°	1°
Oferta de emprego formal	92°	90°
Homicídios de jovens	32°	49°
Idade média ao morrer	62 anos	65 anos
Ranking Geral do distrito	90° posição	96° posição

Fonte: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>

Identifica-se que o Bloco Afro É di Santo está localizado em uma região distrital com uma alta vulnerabilidade social, de acordo com dados da Rede Nossa São Paulo. Em comparação com o distrito melhor classificado: Alto de Pinheiros, cuja expectativa de vida da sua população é de 81 anos, observamos uma grande disparidade: os residentes do Alto de Pinheiros vivem, em média, 14 anos a mais do que os do Jardim São Luís, 16 anos a mais do que os do Capão Redondo e 19 anos a mais do que os do Jardim Ângela.

## **6. Os afoxés e blocos afros brasileiros**

Afoxé é o nome de uma manifestação popular de origem africana, cujo ritmo é o ijexá. A manifestação cultural do afoxé. O afoxé é uma das manifestações culturais afro-brasileiras mais antigas, com registros dos primeiros grupos datados entre 1894 e 1895. A palavra afoxé significa “a fala que faz” e é de origem iorubá, tem suas raízes no candomblé e é popularmente conhecida como um “carnaval de rua”. Originou-se na Bahia e, à medida que cresceu, se disseminou fortemente também no estado de Pernambuco.

Embora seja essencialmente religioso, o afoxé é um movimento cultural musical que celebra os orixás e exalta a liberdade e a herança do povo negro. Assim, à medida que o afoxé ganhava destaque, aumentava também a busca por espaços na cena musical local. Os afoxés são um movimento precursor da comunidade negra brasileira, focado na preservação e no fortalecimento do pertencimento às raízes afro-diaspóricas.

A partir dos afoxés, as comunidades negras soteropolitanas começaram a se organizar em diversas agremiações, como blocos, cordões, batucadas, escolas de samba, blocos de índio e, por fim, os blocos afro. Estes últimos se destacam pela estética única e por promoverem um forte senso de união, fundamentado em diferentes níveis de identificação racial e na valorização das referências culturais afro-baianas, nas lutas de direitos civis estadunidenses e na busca pela independência dos países do continente africano.

Os setores populares negros em Salvador aproveitaram as oportunidades democráticas, oferecidas pelas festas carnavalescas, para buscar representações étnicas não discriminatórias. Isso porque os clubes de elite impunham restrições à participação de pessoas negras em seus eventos na década de 60. (MORALES, 2007).

Nesse contexto, em 1974, no bairro da Liberdade em Salvador, foi fundado o bloco afro Ilê Aiyê, reconhecido como o primeiro do gênero no Brasil. O Ilê Aiyê se tornou um símbolo de resistência ao racismo e à ditadura brasileira, promovendo uma imagem positiva da comunidade negra e celebrando as raízes africanas da cultura brasileira. O bloco nasceu principalmente a partir da ação de Hilda Dias dos Santos<sup>3</sup> e de seu filho Vovô do Ilê, porém contou com a participação da comunidade do Curuzu.

Os blocos afro-baianos foram as primeiras organizações a mostrar caminhos de uma provável síntese de duas perspectivas de condução de luta racial, revelando as amplas possibilidades da ação política pela via cultural (CARNEIRO, 2020).

---

<sup>3</sup> Conhecida também como Mãe Hilda Jitolu. Nasceu em Salvador, em 06 de janeiro de 1923, e em 1952 fundou o Terreiro Acé Jitolu, em um dos bairros mais negros da capital baiana, o Curuzu. Foi neste espaço sagrado que iniciou sua luta pelo povo negro e onde nasceu o primeiro bloco afro do Brasil, o Ilê Aiyê, uma das suas maiores contribuições. Disponível em: <https://institutomaehilda.org.br/>

Contudo, o pioneirismo do bloco afro Ilê Aiyê inspirou a fundação dos demais blocos afro baianos: Muzenza, Araketu, Malê de Balê, Olodum, entre muitos outros, que tiveram importância única na exaltação da cultura africana no Brasil.

Além de fortalecer a autoestima da comunidade negra, os blocos afro baianos desempenharam um papel crucial na revitalização da cidade. Eles foram responsáveis por transformar o Pelourinho de um bairro marginalizado em um dos principais pontos turísticos, atraindo visitantes de todo o mundo. Esses blocos também foram pioneiros em colocar o negro como protagonista de sua própria história, não mais como objeto. A resistência cultural tem sido fundamental na preservação de nossa identidade e na sustentação de muitas comunidades negras (CARNEIRO, 2020). A Fala de P. B., um dos diretores do Bloco Ilê Aiyê, representa esse modo de resistência cultural negra:

Quando eu digo que a gente achou o caminho, então todos nós negros que saíamos nos blocos-de-índio, nas escolas-de-samba, descobrimos que tínhamos uma casa nossa, o Ilê Aiyê. Então, todo esse povo que procurava uma identidade, um caminho, descobriu que tinha a casa dos ancestrais e vieram chegando. (...) Parece que aquele toque mágico do quilombo central, quando começou o rufar dos atabaques, foi aglomerando as pessoas. (MORALES, 2007, p.08)

Na cidade de São Paulo, os principais blocos afros estão organizados desde o início dos anos 2000. Destacamos três grupos que ao lado do Bloco Afro É di Santo, compõem esse cenário: Bloco Afro Ilú Obá De Min, Bloco Preto Zumbido Afropercussivo e O Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã.

O Bloco Afro Ilú Obá De Min, fundado em 2004, cujo nome significa "mãos femininas que tocam para o rei Xangô", tem aberto o carnaval de rua de São Paulo há 20 anos. Idealizado por Nega Duda, Beth Beli, Girlei Luiza Miranda, Adriana Aragão entre outras, o bloco Ilú Obá De Min foi fundado para que mulheres negras pudessem tocar tambores e ocupar os espaços que desejassem.

Criado em 2007, o Bloco Preto Zumbido Afropercussivo tem o objetivo de ser um bloco de pessoas pretas, um lugar de criação afrocentrada. Ele tem como inspiração o Rei Zumbi de N'gola Janga, mais conhecido como Zumbi dos Palmares.

Já o Bloco Afro Afirmativo Ilu Inã, formado em 2016, tem como objetivo promover o reencontro da população negra da cidade com seus antepassados africanos através da dança, canto e ritmos dos orixás nos terreiros de candomblé

## 6.1 Bloco Afro É di Santo

O Bloco Afro É di Santo surgiu em 2010, como uma proposta de oficinas de percussão do mestre percussionista Rabi Batukeiro. Ao longo deste período, ele compartilha a gestão coletiva do Bloco com outras pessoas, como: a cofundadora Andréa Tenório, Eduardo Noturno, Sara Negreiro, Gel Nascimento e Rose Eloy.

Inicialmente, o projeto do Bloco Afro É di Santo tem o objetivo de oferecer oficinas de músicas afro-percussivas, como: cabula, congo de ouro, maracatu, jongo, dança e entre outras bases rítmicas contidas em tradições de religiões de matrizes africanas: candomblé e umbanda. A junção destes ritmos desaguaram na formação de um bloco de samba-reggae, ritmo carro chefe do Bloco e foi inspirado nos blocos afro baianos.

Periférico, ancestral, comunitário e afro afirmativo, o Bloco Afro É Di Santo conta com a participação ativa das mulheres em gira, cultuando valores civilizatórios afro brasileiros e africanos, tais como: circularidade, partilha, mulheridade, ancestralidade, continuidade, infâncias, religiosidade, aprendizagem, troca, afetividade, movimento, corpo, canto e dança, mandingas.

As aulas, oficinas, encontros e ensaios ocorrem na Casa de Cultura M'boi Mirim, um espaço público gerido pela Secretaria de Cultura da cidade de São Paulo.

Esta Casa de Cultura está situada no bairro do Piraporinha (Av. Inácio Dias da Silva, s/nº), dentro do distrito do Jardim São Luís, na zona sul da cidade e desempenha um papel significativo como centro de manifestações culturais de origem afro-brasileira. Além de servir como sede do Bloco Afro É di Santo, também é palco de eventos importantes da cultura afro-brasileira da localidade, como o Panelafro<sup>4</sup> e a Noite dos Tambores<sup>5</sup>.

As cores do Bloco Afro É di Santo: amarelo e branco, não são meros elementos estéticos. Elas carregam consigo um significado cultural e religioso, tecendo uma conexão ancestral com os orixás iorubás Oxum e Oxalá.

---

<sup>4</sup> O Panelafro é uma festa afro-brasileira promovida pelo Coletivo Espírito de Zumbi, na casa de cultura M'Boi Mirim, a festa ocorre sempre na última sexta-feira de cada mês. Durante o evento, são apresentadas diversas manifestações culturais, tais como maracatu, samba de roda, coco, ciranda, vivências de maculelê, rodas de capoeira e afoxé.

<sup>5</sup> Noite dos Tambores, uma festa produzida pelo Coletivo Umoja, e aglutina pesquisadores, músicos e construtores de instrumentos com a intenção de apresentar uma mostra cultural diversa e significativa, a partir de uma abordagem global, histórica, antropológica, terapêutica, educacional da cultura afro-brasileira e diaspórica.

Oxum, a orixá do amor, da beleza e da prosperidade, é representada pela cor amarela, sua energia se manifesta na vibração do bloco, celebrando a vida, a alegria e a sensualidade da cultura afro-brasileira.

Oxalá, o orixá da criação, da paz e da justiça, encontra sua expressão na cor branca, sua serenidade e sabedoria inspiram o bloco a promover valores como a união, o respeito e a ancestralidade, buscando construir uma sociedade mais justa e igualitária.

A união do amarelo e branco no Bloco Afro É di Santo transcende a estética, tornando-se um símbolo de fé, resistência e identidade cultural, sobretudo no território que o Bloco ocupa. Dessa maneira, as cores dos orixás se entrelaçam para celebrar a força ancestral do povo negro, reconhecendo sua contribuição fundamental para a formação da sociedade brasileira.

Desde 2011 o Bloco Afro É di Santo promove um cortejo afro na segunda-feira de carnaval no bairro do Piraporinha, que está dentro do distrito do Jardim São Luís. O trajeto percorrido pelo Bloco passa nos seguintes logradouros: rua Manuel Dias Leme, rua Estevão Fernandes, rua Jurema Araujo da Silveira, Avenida Manuel de Siqueira, rua Domingos Afonso Sertão, rua José Souto Maior, Avenida Inácio Dias da Silva e rua Manuel Dias Leme.

Em 2024, no dia 12 de fevereiro, o Bloco Afro É di Santo levou para as ruas da periferia de Piraporinha o cortejo afro "Macumbarias Femininas", um projeto idealizado pelo Programa de Fomento à Cultura das Periferias<sup>6</sup>.

A proposta do cortejo foi realizar um carnaval periférico que simboliza a força e a beleza da feminilidade negra, desfilando pelas ruas a mensagens de pertencimento e autocuidado inspiradas nas energias de Oxum e das Pombas Giras. A circularidade do cortejo simbolizava a reconstrução do amor próprio e a ancestralidade, tecendo um mosaico de saberes, fazeres e celebração.

---

<sup>6</sup> O Programa de Fomento à Cultura da Periferia, instituído pela Lei 16.496/16, tem o objetivo de apoiar financeiramente coletivos artísticos culturais que atuam há 3 anos ou mais nas periferias de São Paulo. As propostas de Plano de Trabalho podem durar até 24 meses e as inscrições são feitas através de Editais anuais, com previsão de lançamento sempre em junho de cada ano.

## 7. Procedimentos Metodológicos

Neste estudo, optamos por uma abordagem descritiva aliada à observação participante. Essa escolha metodológica nos permite não apenas compreender os fenômenos em estudo, mas também explorar suas possibilidades de forma mais aprofundada.

A abordagem descritiva tem como objetivo descrever as características de um fenômeno específico, buscando compreendê-lo por meio da análise holística dos dados presentes no contexto em que o fenômeno ocorre, incluindo tanto as pessoas quanto o ambiente circundante. O método descritivo desempenha um papel crucial na obtenção de dados para a pesquisa. Uma de suas peculiaridades é a adoção de técnicas padronizadas, como questionários e observação sistemática, para esse fim (GIL, 2010).

Optamos por elaborar um questionário online estruturado com 46 participantes do Bloco Afro É di Santo para adotar a estratégia de observação participante.

Eu estive presente na fundação do Bloco Afro É di Santo em 2010 e participei de 7 afros cortejos de carnaval, além de eventos variados onde o bloco se apresentou ao longo de seus 14 anos de existência. Conforme Correia (1999), o envolvimento prolongado do pesquisador o torna um instrumento de pesquisa.

A observação participante pode ser definida como:

O processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo (May, 2001: p.177).

Esse procedimento metodológico me permitiu realizar incursões frequentes no cotidiano das experiências relacionadas ao Bloco Afro É di Santo, com diferentes objetivos. Inicialmente, atuando como aluno de percussão; posteriormente como divulgador do Bloco Afro É di Santo nas feiras do projeto Transformando Vidas do Centro Universitário Senac durante o período que fiz bacharelado na instituição.

Depois como frequentador dos afro cortejos que ocorrem sempre nas segundas-feiras de carnaval no bairro do Piraporinha. E, por fim, como pesquisador em rodas de conversa com os idealizadores e integrantes do bloco.

Essa proximidade me trouxe reflexões sobre o papel transformador que o bloco pode exercer na vida das pessoas que participam e contribuem para a sua construção. A partir dessa premissa, delineamos um questionário online estruturado, direcionado aos membros do Bloco Afro É di Santo, com o objetivo principal de sondar e compreender os impactos subjacentes que temas como cultura afro-brasileira, pertencimento racial, identidade e território têm sobre a compreensão e as trajetórias dos indivíduos envolvidos no bloco. De acordo com Gil (2010), a entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais

### **7.1 Pesquisa quantitativa**

A pesquisa quantitativa utiliza dados numéricos e a matemática para análise, permitindo quantificar informações. É objetiva, e é comum em estudos descritivos, focando na precisão dos resultados. Richardson indica que este método se caracteriza por:

[...] emprego de quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde a mais simples como percentual, média, desvio padrão, às mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão etc. (Richardson, 2008, p. 70)

Nesta abordagem as crenças e valores pessoais não são considerados como fontes de autoridade no processo científico. (GÜNTHER, 2006).

Para coletar os dados, enviamos uma pesquisa quantitativa para o grupo de WhatsApp do Bloco Afro É di Santo, que conta com 62 membros. O questionário, composto por dez perguntas, foi produzido através de um formulário do Google Forms. As perguntas foram formuladas com base nos temas abordados nesta pesquisa: identidade, pertencimento e cultura afro-brasileira. Dividimos o formulário em duas sessões. Na primeira sessão, fizemos cinco perguntas sobre o perfil dos entrevistados.

#### **1) Qual é a sua idade?**

- Até 12 anos
- De 13 a 20 anos

- De 21 a 30 anos
- De 31 a 40 anos
- De 41 a 50 anos
- De 51 a 60 anos
- 61 anos ou mais

## **2) A cor ou raça que melhor identifica você é:**

Utilizamos a classificação atual do IBGE. Importante salientar que optamos por explicar que pessoas pardas e pretas representam a totalidade de negros no Brasil.

- Amarela
- Branca
- Indígena
- Parda (Negro)
- Preta (Negro)
- Prefiro não responder

## **3) Qual é o gênero que melhor te descreve?**

- Mulher cisgênero (mulher que se reconhece com o gênero atribuído ao nascer)
- Mulher transgênero ou transexual (mulher que não reconhece com o gênero atribuído ao nascer)
- Homem cisgênero (homem que se reconhece com o gênero atribuído ao nascer)
- Homem transgênero ou transmaculino (Homem que não reconhece com o gênero atribuído ao nascer)
- Travesti (pessoa a quem foi atribuído o gênero masculino no nascimento, mas que se identifica e vivencia o seu gênero em uma perspectiva feminina. É uma identidade política, tratada no feminino, e a sua auto identificação)
- Pessoa não binária (pessoa que não se reconhece como homem ou mulher, cis ou trans)
- Prefiro não responder
- outros:

#### 4) Qual nível da sua escolaridade?

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo ou Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo ou Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Mestrado ou Doutorado
- Outros cursos de pós graduação (lato sensu)
- Prefiro não responder

#### 5) Onde você mora?

Escolhemos listar alguns bairros de cada distrito, mas se o seu bairro não estiver incluído nos exemplos, marque a opção "outros" e escreva o nome do seu bairro para garantir que suas respostas sejam mais precisas.

- Distrito do Jardim São Luiz [Piraporinha - Chácara Santana - Guarapiranga - Jardim Ibirapuera - Monte Azul - Vaz de Lima - Vila das Belezas...]
- Distrito do Capão Redondo [Capelinha - Comercial - São Bento Novo - Maracá - Macedônia...]
- Distrito do Jardim Ângela [Alto da Riviera - Capela - Vera Cruz - Horizonte Azul - Três Marias - Nakamura...]
- Outros:
- 

Na segunda parte, fizemos mais 5 perguntas que abordavam sobre os temas relacionados à pesquisa: cultura afro-brasileira, identidade e pertencimento racial.

#### 6) Quanto tempo está no Bloco Afro É di Santo?

- menos de 1 ano
- De 1 a 3 anos
- De 3 a 5 anos
- Mais de 5 anos

**7) Em uma escala de 1 a 5, depois de integrar o Bloco Afro É di Santo, o quanto você se identifica com a cultura afro-brasileira?**

A cultura afro-brasileira abrange as influências históricas das pessoas africanas no Brasil. Esses elementos estão presentes em vários aspectos de nossa cultura. Suas expressões são encontradas na música, dança, crenças, festas, culinária e religiões.

- 1 Não me identifico
- 2 Pouco me identifico
- 3 Não sei dizer
- 4 Me identifico em parte
- 5 Me identifico completamente
- 

**8) Em uma escala de 1 a 5, como você avalia o impacto da participação no Bloco Afro É di Santo em sua percepção sobre sua própria identidade racial?**

Antes de entrar para o Bloco Afro É di Santo, você viu mudanças na forma como se percebia racialmente?

- 1 Nenhum Impacto
- 2 Pouco Impactante
- 3 Não sei dizer
- 4 Impactante
- 5 Muito Impactante

**9) Em uma escala de 1 a 5, o quanto você percebe que a estética negra representada pelo Bloco Afro É di Santo contribui para desafiar estereótipos e padrões de beleza predominantes na sociedade?**

- 1 Não contribui
- 2 Contribui pouco
- 3 Não sei dizer
- 4 Contribui
- 5 Contribui muito
- 

**10) Em sua opinião, qual é o impacto do Bloco Afro É di Santo na promoção da autoestima e orgulho racial dos seus participantes?**

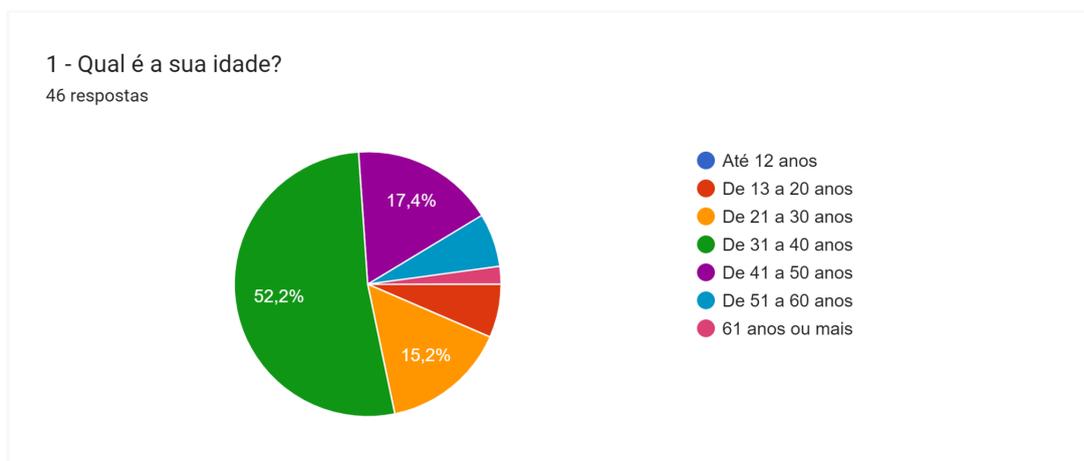
- 1 Impacto negativo
- 2 Impacto pouco significativo
- 3 Não sei dizer
- 4 Impacto significativo
- 5 Impacto muito significativo

## 7.2 Análise dos dados

Como dito anteriormente, enviamos o link da pesquisa no grupo de whatsapp do Bloco Afro É di Santo. O grupo tem 62 integrantes, destes, 46 responderam a pesquisa. Essa participação representa um percentual de 74%, demonstrando o grande interesse das pessoas do Bloco em contribuir com o estudo.

Apresentamos, nas tabelas abaixo, os percentuais das respostas que recebemos:

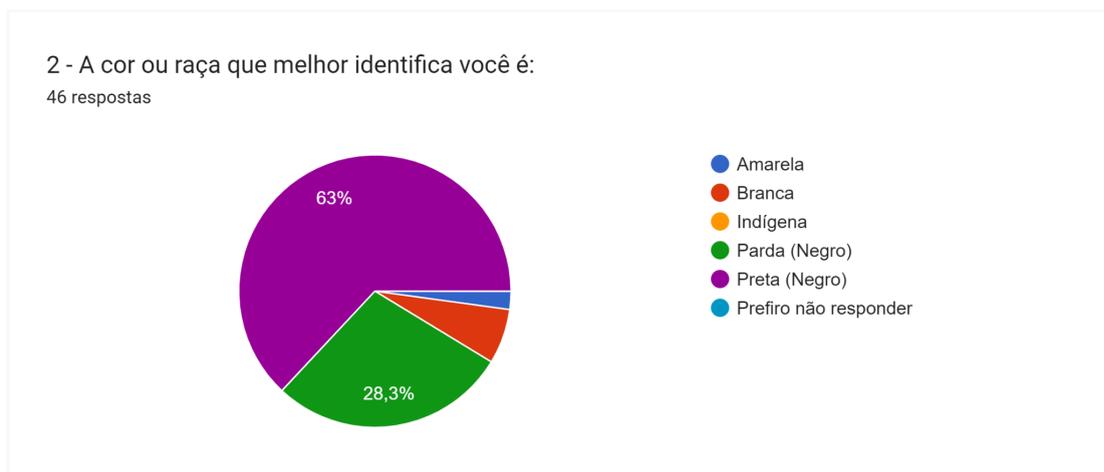
Tabela 3: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjYIU/edit)

A faixa etária predominante das pessoas entrevistadas do Bloco Afro É di Santo é de 31 a 40 anos, representando 52,2%, mais da metade das/os integrantes. As faixas etárias de 21 a 30 anos e de 41 a 50 anos estão próximas em percentuais, respectivamente 15,2% e 17,4%. As faixas de 13 e 20 anos e de 51 a 60 anos possuem o mesmo percentual de 6,5% e apenas uma pessoa tem mais de 61 anos.

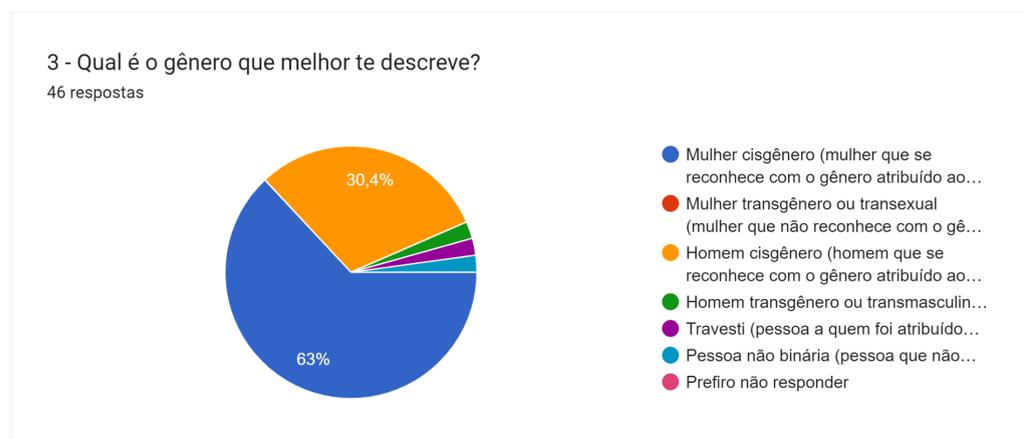
Tabela 4: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjlYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjlYIU/edit)

Tal como uma comunidade negra periférica, o Bloco Afro É di Santo é predominantemente negro, com 63% das pessoas se identificando como pretas e 28,3% como pardas. Juntas, estas autodeclarações representam 91,3% dos membros do bloco. A presença de pessoas brancas é minoritária, com 6,5% dos entrevistados se reconhecendo nesta categoria.

Tabela 5: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo



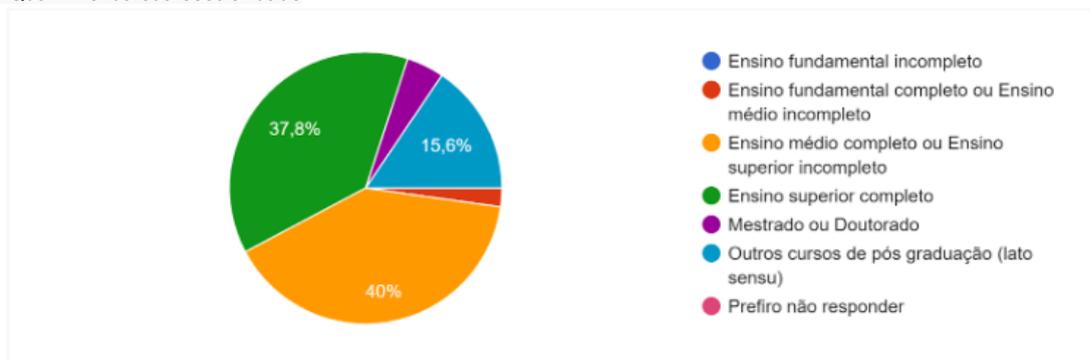
Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjlYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjlYIU/edit)

A composição do Bloco Afro É di Santo tem um retrato majoritariamente feminina, com 63% das pessoas entrevistadas se identificando como mulheres cisgênero. Homens cisgênero representam 30,4% dos membros do bloco. Outros gêneros, somados, representam 6,6% da comunidade, demonstrando a diversidade presente no bloco.

Tabela 6: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo

4 - Onde você mora?

46 Qual nível da sua escolaridade



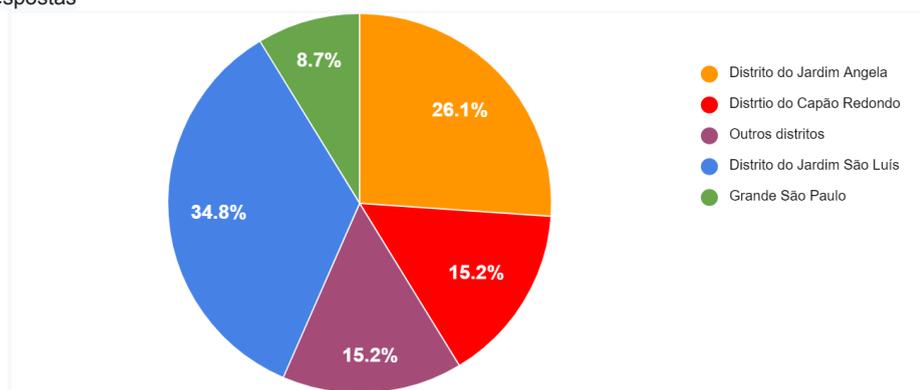
Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjlYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjlYIU/edit)

O nível de escolaridade do Bloco Afro É di Santo é composto por 40% das pessoas com ensino médio completo ou ensino superior incompleto. Seguido de perto por 37,8% com ensino superior completo. As categorias de outros cursos de pós-graduação (lato sensu) e mestrado ou doutorado representam, respectivamente, 15,6% e 4,4%

Tabela 7: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo

5 - Onde você mora?

46 respostas



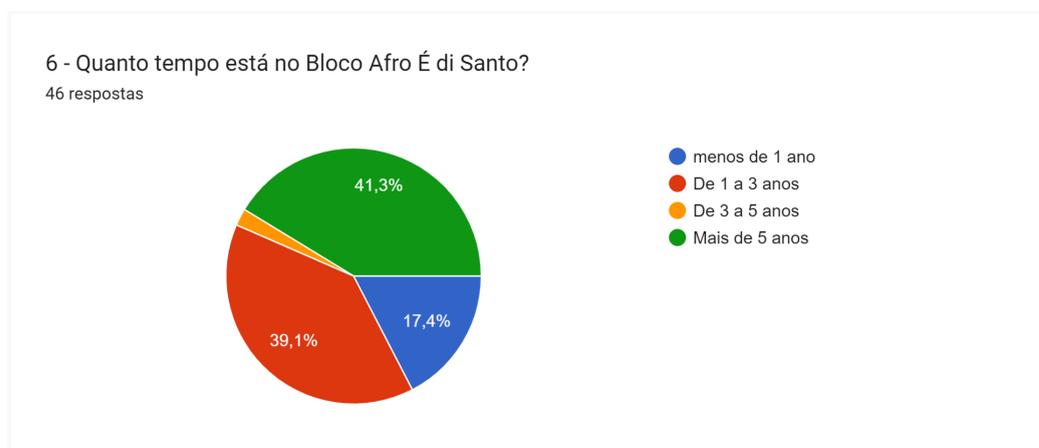
Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjlYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjlYIU/edit)

Foi solicitado aos entrevistados que marcassem a opção "outros", que informassem o nome do bairro de residência, caso não identificassem seu distrito na lista fornecida. O gráfico foi ajustado para apresentar um panorama mais preciso da

distribuição geográfica dos participantes, considerando as informações obtidas através da opção "outros". Desta forma, conseguimos respostas mais precisas.

A distribuição Geográfica das/os componentes do Bloco Afro É di Santo, que responderam ao formulário, tem o percentual de 34,8% residindo no distrito do Jardim São Luís, configurando-o como o principal território do bloco. No distrito do Jardim Ângela, moram 26,1% dos membros.. Cerca de 15% residem no distrito do Capão Redondo. 15,2% vivem em outros distritos da cidade de São Paulo. E quase 10% residem em outras cidades da região metropolitana<sup>7</sup> de São Paulo, demonstrando o alcance do bloco fora da cidade de São Paulo.

Tabela 8: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjYIU/edit)

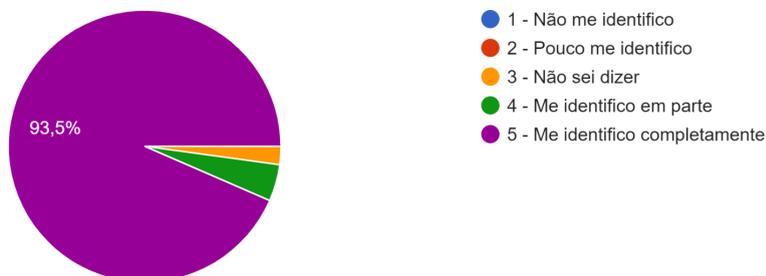
Quase metade (41,3%) das/os integrantes do Bloco Afro É di Santo cultivam uma longa trajetória com a comunidade, participando há mais de 5 anos, outra parcela significativa de 39,1% está entre um a três anos no Bloco. A presença de membros com menos de 1 ano representa 17,4% do total, sinalizando a renovação constante do Bloco.

Tabela 9: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo

<sup>7</sup> A Região Metropolitana de São Paulo engloba trinta e nove municípios com uma população de cerca de 22 milhões de habitantes, ocupa uma área de 7.946,96 km<sup>2</sup>. Disponível em: [https://rmsp.pdui.sp.gov.br/?page\\_id=127](https://rmsp.pdui.sp.gov.br/?page_id=127) Acesso em 04/05/2024

7 - Em uma escala de 1 a 5, depois de integrar o Bloco Afro É di Santo, o quanto você se identifica com a cultura afro-brasileira?

46 respostas



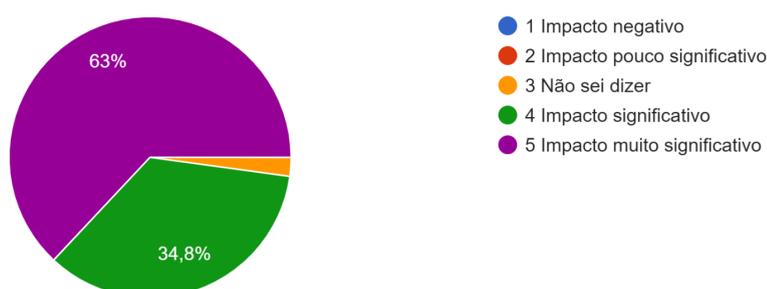
Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjlYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjlYIU/edit)

O Bloco Afro É di Santo se destaca como um espaço de forte identificação com a cultura afro-brasileira, no qual 93,5% dos membros se identificam plenamente, uma parcela de 4,3% das/os integrantes se identificam em parte e apenas uma pessoa (2,2%), não soube dizer sobre essa identificação.

Tabela 10: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo

8 - Em sua opinião, qual é o impacto do Bloco Afro É di Santo na promoção da autoestima e orgulho racial dos seus participantes?

46 respostas

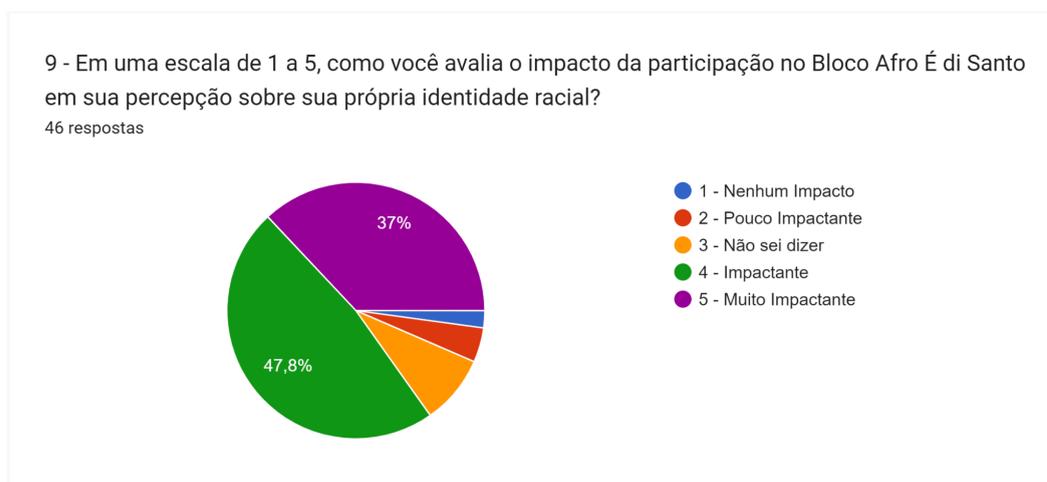


Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjlYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjlYIU/edit)

Quase dois terços (63%) das/os integrantes do Bloco Afro É di Santo consideram o impacto muito significativo na promoção da auto estima e orgulho racial promovido aos seus participantes. Enquanto 34,8% dos integrantes

consideram o impacto como significativo, demonstrando uma mudança positiva em sua autopercepção e valorização da identidade racial.

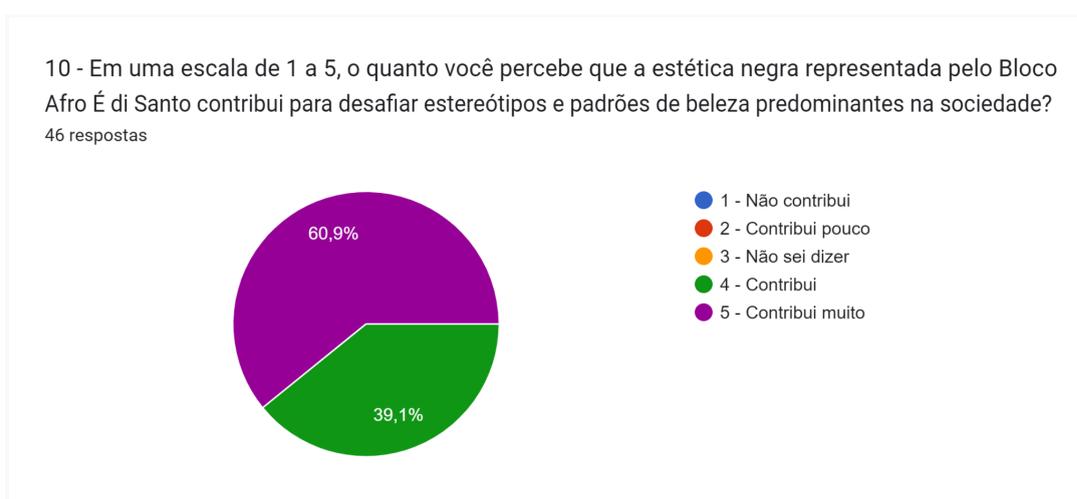
Tabela 11: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjYIU/edit)

Quase metade (47,8%) das/os integrantes do Bloco Afro É di Santo relatam ser impactante a percepção de sua identidade racial após a participação no bloco; 37% dos integrantes consideram esse impacto como muito significativo; e 8,7% dos entrevistados ainda não sabem definir o impacto dessa experiência em sua identidade racial.

Tabela 12: Pesquisa com o Bloco Afro É di Santo



Fonte: [https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT\\_E-pp0v0wjYIU/edit](https://docs.google.com/forms/d/1LxW5UvXZI8VzYvBUFupZsJL-yfEIT_E-pp0v0wjYIU/edit)

Mais da metade das pessoas entrevistadas (60,9%) acreditam que o Bloco Afro É di Santo contribui muito no desafio dos padrões de beleza predominantes brancos da sociedade brasileira e 39,1% das/os participantes também afirmaram a contribuição do bloco na luta contra os estereótipos de beleza.

### 7.3 Análise dos resultados

A pesquisa revela que a faixa etária entre 31 e 40 anos é majoritária no Bloco Afro É di Santo, o que pode ser interpretado sob diferentes perspectivas, abrindo espaço para reflexões e questionamentos, pois essa faixa etária vivenciou marcos históricos e sociais relevantes do movimento social negro pela luta valorização da cultura afro-brasileira.

A Lei 10.639/2003 tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do Brasil, abrangendo desde o ensino fundamental até o ensino médio, tanto em instituições públicas quanto particulares. Apesar de muitos membros do Bloco Afro É di Santo não terem vivenciado essa mudança nas salas de aula, a lei é um marco crucial para a promoção do debate de questões étnico-raciais. Esse debate ganha alcance à medida que a sociedade civil e o Estado necessitam desenvolver e implementar ações que contribuam para o cumprimento e ampliação do alcance da lei 10.639.. Editais culturais e vagas de empregos destinadas a pessoas negras são exemplos de algumas ações. Neste sentido, o Bloco Afro É di Santo participa ativamente na promoção da cultura afro-brasileira para as novas gerações.

Outro marco jurídico foi a Lei de Cotas (Lei 12.711/2012), esta lei garante a reserva de no mínimo 50% das vagas em universidades e institutos federais para estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, ampliando o acesso à educação superior para a população negra. Soma-se a isso os programa de incentivo de acesso à educação superior do governo federal, como o Prouni<sup>8</sup> e o FIES<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> O Programa Universidade Para Todos (Prouni) oferta bolsas de estudo, integrais e parciais (50% do valor da mensalidade do curso), em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições de educação superior privadas. O público-alvo do programa é o estudante sem diploma de nível superior. Disponível em <https://acessounico.mec.gov.br/prouni>

<sup>9</sup> Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) é um programa do Ministério da Educação (MEC), instituído pela Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que tem como objetivo conceder financiamento a estudantes em cursos superiores não gratuitos, com avaliação positiva no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes), divulgado pelo Inep/MEC, ofertados por instituições de

Essas políticas públicas podem refletir no grau de escolaridade dos integrantes do Bloco Afro É di Santo, conforme indicado na pergunta sobre o nível educacional. Dos participantes, que responderam ao formulário, 37,8% concluíram o ensino superior, 15,6% cursam/cursaram pós-graduação lato sensu, e 4,4% estão no mestrado ou no doutorado, totalizando 58% das pessoas com acesso ao ensino superior em seus mais variados níveis.

O Bloco Afro É di Santo destaca-se como um espaço de identificação de pessoas negras. Segundo dados da pesquisa, 93,5% dos integrantes se identificam como negros (63,8% pretos e 27,7% pardos). Essa expressiva porcentagem revela a importância do bloco como um local de afirmação da identidade e pertencimento afro-brasileiro em território periférico. Além da identificação, o bloco valoriza a herança diaspórica negra por meio da música, dança e rituais religiosos, reforçando a conexão com a ancestralidade africana.

A partir deste levantamento, podemos questionar se o Bloco Afro É di Santo seguirá os passos de outros blocos afros e se transformará em uma organização composta exclusivamente por pessoas negras. Essa possibilidade levanta importantes discussões sobre a identidade, a representatividade e a preservação cultural dentro do bloco. Tornar-se uma organização totalmente negra poderia fortalecer ainda mais o papel do bloco como um espaço de valorização e afirmação da herança afro-brasileira na periferia? Questões para trabalhos futuros.

O Bloco Afro É di Santo destaca-se por ter quase dois terços de seus membros identificados como mulheres. Assim, como em outras organizações negras, as mulheres desempenham um papel central na preservação e disseminação da cultura afro-brasileira. Elas contribuem significativamente para a continuidade das tradições culturais, ocupando funções importantes na liderança e organização do bloco. Este protagonismo feminino reforça a importância das mulheres negras como guardiãs da herança cultural e agentes de transformação social na comunidade.

O Bloco Afro É di Santo é formado por pessoas que nasceram, cresceram e trabalham pelo fortalecimento cultural do bairro. Cerca de 76% dos integrantes residem na região, distribuídos entre Jardim São Luís (34,8%), Jardim Ângela (26,1%)

e Capão Redondo (15,2%). Há 14 anos, o bloco promove a cultura afro-brasileira em uma área anteriormente conhecida como “triângulo da morte” devido às estatísticas policiais e à cobertura dos meios de comunicação hegemônicos.

O Bloco Afro É di Santo desempenha um papel fundamental na construção de noções de pertencimento que se desvinculam das narrativas de violência frequentemente associadas à região. O envolvimento comunitário promovido pelo bloco possibilita a criação de um ambiente onde as pessoas podem se conectar com suas raízes e construir uma identidade coletiva positiva, valorizando o lugar onde nasceram e cresceram.

Esse senso de pertencimento entre os integrantes do Bloco Afro É di Santo é evidente quando se analisa o tempo de participação de seus membros. Uma parcela expressiva, 42%, está no Bloco há mais de cinco anos, o que demonstra um trabalho de longevidade de práticas recorrentes de elementos da cultura afro-brasileira na periferia. Paralelamente, a inclusão de novos membros é igualmente significativa. Cerca de 38% dos integrantes estão no Bloco há um período de um a três anos. Esse número indica que o Bloco Afro É di Santo mantém uma atitude acolhedora e aberta, continuamente renovando e ampliando seu círculo de membros.

93% dos integrantes do Bloco Afro É di Santo se identificam completamente com a cultura afro-brasileira, depois de integrar o Bloco. Este dado é significativo, pois sublinha a importância da cultura afro-brasileira como um elemento central na construção da identidade individual e coletiva desses participantes. O Bloco Afro É di Santo, assim como outros blocos afro, desempenha um papel vital na promoção e preservação da cultura afro-brasileira, servindo como um espaço de resistência cultural e afirmação identitária. A identificação expressiva dos membros do Bloco Afro É di Santo com essa cultura evidencia a profundidade e a relevância das tradições africanas no Brasil contemporâneo, reafirmando a importância de preservar e celebrar essa herança cultural.

O Bloco Afro É di Santo desempenha um papel crucial na promoção da autoestima e do orgulho racial entre seus participantes, conforme evidenciado pelas respostas de seus membros: 63% afirmaram que o impacto é muito significativo, enquanto 34% consideraram o impacto significativo. A autoestima e o orgulho racial são componentes essenciais para o desenvolvimento de uma identidade saudável e

para a promoção do bem-estar psicológico. No contexto de uma sociedade marcada pelo racismo estrutural e pela marginalização histórica das populações negras, iniciativas como o Bloco Afro É di Santo se tornam fundamentais.

A participação no Bloco Afro É di Santo tem um impacto significativo na percepção dos integrantes sobre sua própria identidade racial, como indicado pelos dados coletados: 84% é impactante e muito impactante. Esse percentual revela a influência que o Bloco exerce na construção e fortalecimento da identidade racial de seus membros. A identidade racial é um componente central da autoimagem e da autocompreensão dos indivíduos, especialmente em contextos onde questões de raça e etnia desempenham um papel crítico na formação das relações sociais e das dinâmicas de poder. Participar do Bloco Afro É di Santo proporciona aos membros uma imersão direta nas tradições e expressões culturais afro-brasileiras, o que facilita uma conexão com suas raízes afro-diaspóricas.

A sociedade brasileira, como muitas outras no mundo, tem sido influenciada por padrões de beleza eurocêntricos que marginalizam as características físicas das populações negras. Esses padrões excluem traços como cabelo crespo e pele escura, impondo um ideal de beleza muitas vezes inatingível e prejudicial para as pessoas negras. A estética negra promovida pelo Bloco Afro É di Santo vai na contramão dessa hegemonia. No Bloco, pessoas negras celebram os traços de sua negritude em cortejos afros, onde o pertencimento e a identidade racial são afirmados com orgulho.

## **8. Considerações Finais**

A identidade racial e cultural dos membros, ligada à cultura afro-brasileira, destaca a importância de iniciativas e espaços culturais como o Bloco Afro É di Santo na formação de identidades positivas em contextos das estruturas racistas. A participação no bloco contribui para o fortalecimento da identidade racial dos membros, desafia os padrões hegemônicos de cultura e promove a autoestima, aspectos essenciais para o desenvolvimento de uma identidade racial distante dos estereótipos racistas.

O Bloco Afro É di Santo, ao celebrar a cultura afro-brasileira através da música, dança e rituais religiosos, proporciona um ambiente onde os membros podem se reconectar com suas raízes africanas e desenvolver uma compreensão mais profunda de sua ancestralidade. Este processo de reafirmação cultural e racial é crucial em um contexto onde a marginalização e a discriminação racial são prevalentes. Assim, o bloco atua como um espaço de resistência cultural, onde as narrativas e as práticas culturais afro-brasileiras são colocadas em prática e preservadas.

Este estudo revela o papel do Bloco Afro É di Santo como uma organização cultural periférica de resistência e afro-diaspórica. Para pesquisas futuras, seria pertinente explorar como essas dinâmicas se replicam em outros contextos urbanos e culturais, e de que maneiras essas organizações podem influenciar políticas públicas e práticas educativas voltadas para a inclusão e valorização das relações étnico-raciais. Além disso, investigar a potencial exclusividade racial futura do bloco poderia abrir novas discussões sobre identidade, representatividade e preservação cultural em movimentos sociais contemporâneos.

O Bloco Afro É di Santo oferece uma lente para entender as complexas interações entre cultura, identidade e pertencimento em contextos periféricos, sublinhando a importância de estudos acadêmicos que abordem a riqueza e a diversidade das experiências afro-brasileiras. Explorar essas dinâmicas mais a fundo pode proporcionar uma compreensão mais ampla das maneiras pelas quais as comunidades negras se organizam e resistem às opressões estruturais, enquanto celebram e preservam suas identidades culturais.

## **Bibliografia**

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. **Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de estudantes oriundos de escolas

públicas, de baixa renda, pretos, pardos e indígenas em universidades federais e em cursos de ensino técnico.

BUTLER, K; e DOMINGUES, P. **Diásporas imaginadas: Atlântico Negro e histórias afro-brasileiras**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

CARNEIRO, S. **Escrito de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

CORREIA, M.C.A. **Observação Participante enquanto técnica de investigação**. Lisboa: Pensar Enfermagem, 1999.

D'ANDREA, T. P. **A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo**. 2013. 295f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/pt-br.php>>. Acesso em: 12 de março de 2024.

GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GÜNTHER, H. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa**. vol. 22, nº 2, p. 201-210, mai-ago. 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOOKS, B. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. Tradução: Renata Balbino. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

MARTINS, L. M. **Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MAY, T. **Pesquisa social. Questões, métodos e processos**. Porto Alegre, Editora: Artemed, 2001.

MORALES, A. **Blocos Negros Em Salvador: reelaboração cultural e símbolos de baianidade**. Caderno CRH, [S. I.], v. 4, 2007. DOI: 10.9771/ccrh.v4i0.18844.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18844>. Acesso em: 2 maio. 2024.

MOURA. C. **O Negro, de bom escravo a mau cidadão**. São Paulo: Editora Dandara, 2021.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade, 2023**. Disponível em: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>  
Acesso em 02/03/2024.

RICHARDSON, R. J. (Org.) **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Editora Ubu, 2023

SOUZA, N. S. **Torna-se negro ou as vicissitudes da indentidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TANAKA, G. M. M. **Periferia: conceito, práticas e discursos; práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Habitat) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.16.2006.tde-26052010-133856. Acesso em 14/03/2024.